

O SUCESSO MUNDIAL YOUNG ADULT
TAHEREH MAFI

AS NOVELAS *SHATTER ME*

RESILIENTES

LIVRO 1.5 • 2.5 • 4.5 • 5.5

SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso e Negligência

Humilhação

Luto e perda

Morte

Pânico/Ansiedade

Trauma

Violência




11 **DESTRÓI-ME**

119 **FRATURA-ME**


205 **ENSOMBRA-ME**

277 **REVELA-ME**



Caro leitor:

As rasuras nos livros da série *Shatter Me* são intencionais. A escrita nesta série é, por vezes, tão errática quanto a sua personagem principal e serve como uma representação visual do caos na mente da Juliette. A repetição, a linguagem hiperbólica, a obsessão com números — não são gralhas. À medida que a nossa heroína cresce e evolui, o mesmo acontece com a prosa, e, à medida que ela encontra a sua voz, as rasuras desaparecem, a linguagem suaviza-se, a repetição dissolve-se e os números transformam-se em palavras escritas. Esta é, em última análise, uma história de mudança. Muito obrigada por a ler.





DESTRÓI-ME

LIVRO 1.5

PRÓLOGO

Levei um tiro.

E, pelos vistos, um ferimento de bala é ainda mais desconfortável do que eu imaginava.

Sinto a pele fria e suada; estou a fazer um esforço hercúleo para respirar. A dor ecoa no meu braço direito e prejudica a minha concentração. Tenho de fechar os olhos com força, cerrar os dentes e obrigar-me a prestar atenção.

O caos é insuportável.

Há várias pessoas aos berros e muitas delas estão a tocar-me, e eu quero as suas mãos removidas cirurgicamente. Continuam a gritar «Senhor!», como se ainda estivessem à espera de que eu lhes desse ordens, como se não soubessem o que fazer sem as minhas instruções. Essa constatação deixa-me esgotado.

— Senhor, consegue ouvir-me? — Outro grito. Mas, desta vez, numa voz que não detesto. — Senhor, por favor, consegue ouvir-me...

— Fui baleado, Delalieu — consigo dizer. Abro os olhos. Olho para os seus olhos lacrimejantes. — Não fiquei surdo.

De repente, o barulho desaparece. Os soldados calam-se.

O Delalieu olha para mim. Preocupado.

Suspiro.

— Leva-me de volta — peço-lhe, mexendo-me ligeiramente. O mundo afunda-se e estabiliza ao mesmo tempo. — Alerta os médicos e pede que preparem a minha cama para a nossa chegada. Entretanto, levanta-me o braço e continua a aplicar pressão direta na ferida. A bala partiu ou fraturou alguma coisa, e vou precisar de cirurgia.

O Delalieu fica em silêncio por demasiado tempo.

— É bom ver que está bem, senhor. — A voz soa nervosa e tremida. — É bom ver que está bem.

— Dei-lhe uma ordem, tenente.

— Claro — apressa-se ele a dizer, com a cabeça baixa. — Com certeza, senhor. Como devo orientar os soldados?

— Encontrem-na — digo-lhe.

É-me cada vez mais difícil falar.

Respiro fundo e passo a mão trémula pela testa. Não deixo de reparar que estou a suar profusamente.

— Sim, senhor. — Ele mexe-se para me ajudar a levantar, mas eu agarro-lhe o braço.

— Só mais uma coisa.

— Senhor?

— Kent — digo, agora com a voz a fraquejar. — Assegura-te de que o mantêm vivo para mim.

O Delalieu olha para cima, de olhos arregalados.

— O soldado Adam Kent, senhor?

— Sim. — Seguro o seu olhar. — Quero ser eu a lidar com ele.



UM

O Delalieu está de pé ao fundo da minha cama, de prancheta na mão.

É a minha segunda visita esta manhã. A primeira foi dos médicos, que confirmaram que a cirurgia correu bem. Garantiram-me que, desde que passe esta semana em repouso, os novos medicamentos que me administraram devem acelerar o processo de recuperação. Também disseram que bastante em breve devo estar apto para retomar as minhas atividades diárias, mas terei de usar uma faixa durante, pelo menos, um mês.

Eu respondi-lhes que era uma recomendação engraçada.

— As minhas calças, Delalieu. — Sento-me, tentando combater as náuseas causadas pela nova medicação.

De momento, o meu braço direito é essencialmente inútil.

Levanto o olhar. O Delalieu está a olhar para mim, sem pestanejar, com a maçã de Adão a oscilar na garganta.

Contenho um suspiro.

— O que foi? — Uso o braço esquerdo para me apoiar no colchão e obrigo-me a pôr de pé. O esforço consome toda a energia que me resta, e dou por mim agarrado à estrutura da cama. Recuso a ajuda do Delalieu; fecho os olhos para combater a dor

e as tonturas. — Conta-me o que aconteceu — peço-lhe. — Não faz sentido adiar as más notícias.

A sua voz falha duas vezes quando ele diz:

— O soldado Adam Kent fugiu, senhor.

Por detrás das pálpebras, vejo um clarão de um branco intenso e ofuscante. Respiro fundo e tento passar a mão boa pelo cabelo. Está espesso, seco e coberto com algo que deve ser sujidade misturada com o meu próprio sangue. Sinto-me tentado a esmurrar a parede com o punho que resta.

Em vez disso, levo um instante para me recompor.

De repente, estou demasiado ciente de tudo o que paira no ar à minha volta, dos cheiros, dos mínimos ruídos e dos passos para lá da minha porta. Odeio estas calças de algodão áspero que me vestiram. Odeio o facto de não estar a usar meias. Quero tomar banho. Quero trocar de roupa.

Quero enfiar uma bala na espinha do Adam Kent.

— Pistas — exijo. Dirijo-me à casa de banho e estremeço ao sentir o ar frio a atingir-me a pele; continuo sem camisa. A tentar manter a calma. — Diz-me que não me trouxeste essa notícia sem ter pistas.

A minha mente é um armazém de emoções humanas organizadas com cuidado. É-me quase possível ver o meu cérebro a funcionar, a arquivar pensamentos e imagens. Guardo o que não me tem serventia. Concentro-me apenas no que precisa de ser feito: os componentes básicos da sobrevivência e as inúmeras coisas que tenho de gerir ao longo do dia.

— Claro que não — diz o Delalieu. Sinto-me um pouco incomodado pelo medo na sua voz; ignoro-o. — Sim, senhor — continua ele —, achamos que sabemos para onde ele terá ido, e temos motivos para acreditar que o soldado Kent e a... e a rapariga... Enfim, uma vez que o soldado Kishimoto também fugiu... Temos motivos para acreditar que estejam todos juntos, senhor.

As gavetas da minha mente estão a agitar-se para tentar abrir-se.

Memórias. Teorias. Sussurros e sensações.

Empurro-as para um penhasco.

— Claro que sim. — Abano a cabeça. Arrependo-me. Fecho os olhos perante a vertigem repentina. — Não me dês informações que já deduzi por mim mesmo — consigo dizer. — Quero algo concreto. Dá-me uma pista sólida, tenente, ou deixa-me em paz até a teres.

— Um carro — diz ele, rapidamente. — Um carro foi dado como roubado, senhor, e conseguimos localizá-lo num sítio por identificar, mas depois desapareceu do mapa. É como se tivesse desaparecido no ar, senhor. — Olho para cima. Dedico-lhe toda a minha atenção. — Seguimos os rastros que deixou no nosso radar — continua, falando agora com mais calma — e demos por nós numa extensão de terra árida e isolada. Mas vasculhámos a área e não encontrámos nada.

— Pelo menos, já temos alguma coisa — esfrego a nuca, lutando contra a fraqueza que sinto a fundo nos ossos. — Vemo-nos na sala L daqui a uma hora.

— Mas, senhor — contrapõe ele, com os olhos fixos no meu braço —, vai precisar de ajuda... está em processo... Vai precisar de um auxiliar para a convalescença...

— Podes retirar-te.

Ele hesita.

Depois:

— Sim, senhor.



FRATURA-ME

LIVRO 2.5

UM

— **A**ddie? Addie, acorda. *Addie...*

Eu viro-me com um gemido e espreguiço-me, esfregando os olhos com as palmas das mãos. É demasiado cedo para estas merdas.

— Addie...

Ainda meio adormecido, agarro o James pelo colarinho e puxo-o para baixo, enfiando-lhe a cabeça debaixo do cobertor. Ele grita e eu rio-me, embrulhando-o nos lençóis até ele não conseguir sair.

— Paaaaaaara com iiiiiiisso — queixa-se ele, batendo com os punhos contra os lençóis. — Addie, deixa-me sair...

— Ei, quantas vezes é que já te disse para parares de me chamar isso?

O James tenta dar-me um soco através do cobertor. Eu levanto-o, viro-o nos braços e ele grita, sacudindo as pernas descontroladamente.

— És tão mau — grita ele, contorcendo-se nos meus braços. — Se o Kenji estivesse aqui, nunca deixaria que...

Perante isso, petrifico e o James percebe. Ele aquieta-se nos meus braços, e eu solto-o. Ele desembaraça-se dos lençóis e olhamo-nos.

O James pestaneja. O seu lábio inferior estremece e ele morde-o.

— Sabes se ele está bem?

Abano a cabeça.

O Kenji ainda está na ala médica. Ninguém sabe ao certo o que aconteceu, mas as pessoas têm falado. Sussurrado.

Olho em frente para a parede. O James continua a falar, mas estou demasiado distraído para lhe prestar atenção. É-me difícil acreditar que a Juliette pudesse magoar assim alguém.

— Estão todos a dizer que ele partiu — diz o James.

Isso eu ouço.

— O quê? — Eu viro-me, alarmado. — Como?

O James encolhe os ombros.

— Não sei. Disseram que ele fugiu do quarto.

— O que estás a dizer? Como é que ele conseguiu fugir do quarto...?

O James encolhe os ombros mais uma vez.

— Acho que ele não queria ficar aqui mais tempo.

— Mas... o quê? — Faço uma careta, confuso. — Isso quer dizer que ele está a sentir-se melhor? Alguém te disse que ele se estava a sentir melhor?

O James franze a testa.

— Querias que ele se sentisse melhor? Pensava que não gostavas dele.

Suspiro. Passo a mão pelo cabelo.

— Claro que gosto dele. Sei que nem sempre nos damos bem, mas este espaço é muito apertado e ele é sempre tão opinativo...

O James lança-me um olhar estranho.

— Então... não queres matá-lo? Estás sempre a dizer que queres matá-lo.

— Não estou a falar a sério quando digo esse tipo de coisas.

— Tento não revirar os olhos. — Ele e eu somos amigos há muito tempo. Na verdade, estou preocupado com ele.



— Está bem — diz o James, com cautela. — És estranho, Addie. Não consigo evitar rir-me ligeiramente.

— Porque é que sou estranho? E, ei, para de me chamar Addie... sabes o quanto odeio isso...

— Sim, e ainda não sei porquê. — Ele interrompe-me.

— A mãe sempre te chamou Addie...

— Bem, a mãe está morta, não está?

A minha voz endurece. Cerro as mãos. E, quando vejo a expressão no rosto do James, sinto um arrependimento instantâneo por ter sido tão duro. Abro os punhos. Respiro fundo.

O James engole em seco.

— Desculpa — diz ele, baixinho.

Aceno com a cabeça, desvio o olhar.

— Sim. Eu também. — Enfio uma camisa pela cabeça.

— Então, o Kenji foi-se embora, é isso? Não acredito que se fosse embora assim.

— Porque é que o Kenji havia de se ir embora? — pergunta o James. — Pensei que tivesses dito que nem sabias se ele estava...

— Mas pensei que tu *tinhas* dito...

Interrompemo-nos. Olhamos um para o outro.

O James é o primeiro a falar.

— Eu disse que o *Warner* foi-se embora. Estão todos a dizer que ele fugiu ontem à noite.

Só de ouvir o nome dele já fico irritado.

— Fica aqui — peço-lhe, apontando para o James e pegando nas minhas botas.

— Mas...

— Não te mexas até eu voltar! — grito, antes de sair a correr pela porta.

Aquele sacana. Não acredito nisto.

Estou a bater na porta do Castle quando o Ian se cruza comigo no corredor.

— Ele não está aqui — diz o Ian, sem parar de andar.

Agarro-lhe no braço.

— É verdade? O Warner fugiu mesmo?

O Ian suspira. Enfia as mãos nos bolsos. Por fim, confirma com um aceno de cabeça.

Apetece-me dar um soco na parede.

— Tenho de ir vestir-me — diz o Ian, soltando-se. — E tu também devias ir. Saímos depois do pequeno-almoço.

— Estás a falar a sério? — pergunto. — Ainda vamos lutar, mesmo com esta confusão toda?

— Claro que sim — responde o Ian, irritado. — Sabes que não podemos esperar mais. O supremo não vai mudar os seus planos de ataque contra os civis. É demasiado tarde para desistir agora.

— Mas e o Warner? — pergunto. — Não vamos tentar encontrá-lo?

— Talvez. — O Ian encolhe os ombros. — Vê se consegues encontrá-lo no campo de batalha.

— Jesus. — Estou tão enraivecido que mal consigo ver a direito. — Podia matar o Castle por deixar isto acontecer, por ser tão mole com ele...

— Controla-te, meu. — O Ian interrompe-me. — Temos outros problemas. E olha — ele agarra-me pelo ombro, olhando-me nos olhos... — não és o único que está irritado com o Castle. Mas este não é o momento certo.

Eu empurro-o, lanço-lhe um olhar sombrio e volto a correr pelo corredor.

O James está cheio de perguntas quando volto, mas ainda estou tão irritado que não estou pronto para lidar com ele. Isso não parece movê-lo; o James é teimoso como uma porta. Estou a colocar os coldres e a prender as armas no sítio, mas ele não desiste.

— Mas ele disse o quê? — pergunta o James. — Depois de teres dito que devíamos encontrar o Warner?

Ajusto as calças, aperto os atacadores das botas.

O James dá uma pancadinha no meu braço.

— Adam. — Ele dá-me outra palmadinha no meu braço.

— Ele sabe onde o Castle está? — Outra palmadinha. — Ele disse a que horas vocês têm de sair hoje? — Mais palmadinhas.

— Adam, quando é que vais...

Eu agarro-o e ele grita; levo-o para um canto distante da sala.

— *Addie*...

Cubro-lhe a cabeça com um cobertor.

O James grita e luta com o cobertor até conseguir atirá-lo ao chão. Está com o rosto vermelho, os punhos cerrados e, finalmente, furioso.

Começo a rir-me. Não consigo evitar.

O James está tão frustrado que cospe as palavras quando fala.

— O Kenji disse que eu tenho tanto direito de saber o que se passa aqui como todos os outros. O Kenji nunca fica zangado quando eu lhe faço perguntas. Nunca me ignora. Nunca é mau para mim, e tu estás a ser m... mau para mim, e eu não gosto quando tu te ri-ris de mim...

A voz do James falha, e só então levanto o olhar. Percebo que as lágrimas lhe escorrem pelo rosto.

— Ei — digo, indo ao seu encontro do outro lado do espaço.

— Ei, ei.

Agarro-o pelos ombros e ajoelho-me.

— O que se passa? Porquê as lágrimas? O que aconteceu?

— Tu estás a ir embora — dispara o James.

— Ah, vá lá — suspiro. — Tu sabias que eu me ia embora, lembras-te? Lembras-te de quando conversámos sobre isso?

— Tu vais morrer. — Outro soluço.

Levanto a sobancelha:

— Não sabia que conseguias prever o futuro.

— Addie...

— Ei...

— Eu não te chamo Addie à frente de mais ninguém! — recorda o James, protestando antes que eu tenha hipótese de falar. — Não sei por que isso te deixa tão irritado. Tu disseste que adoravas quando a mamã te chamava de Addie. Por é que eu não posso?

Volto a suspirar ao levantar-me, desalinhando-lhe o cabelo de propósito. O James solta um som estrangulado e afasta-se bruscamente.

— Qual é o problema? — pergunto. Puxo a barra da calça para prender uma semiautomática no coldre por baixo. — Sou soldado há muito tempo. Sempre soubeste dos riscos. O que mudou de repente?

O James fica em silêncio por tempo suficiente para eu reparar. Olho para cima.

— Quero ir contigo — diz ele, limpando o nariz com a mão trémula. — Também quero lutar.

O meu corpo fica rígido.

— Não vamos voltar a ter essa conversa.

— Mas o Kenji disse...

— Não me interessa o que o Kenji disse! És uma *criança* de dez anos — interrompo. — Não vais lutar em guerra nenhuma. Não vais entrar em nenhum campo de batalha. Entendes?

O James olha para mim.

— Perguntei-te *se entendes*?

Aproximo-me dele e agarro-lhe os braços.

O James recua um pouco.

— Sim — sussurra ele.

— Sim, o *quê*?

— Sim, senhor — diz ele, agora de olhos postos no chão.



Estou a respirar com tanta força que tenho o peito a arfar.

— Nunca mais — digo, baixinho. — Nunca mais teremos esta conversa. Nunca, nunca mais.

— Está bem, Addie.

Engulo em seco.

— Desculpa, Addie.

— Calça os sapatos. — Olho para a parede. — Está na hora do pequeno-almoço.





ENSOMBRA-ME

LIVRO 4.5

UM

Já estou acordado quando o despertador toca, mas ainda não abri os olhos. Estou demasiado cansado. Os meus músculos estão tensos, ainda doridos do treino intenso de há dois dias, e o meu corpo parece pesado. Morto.

Dói-me o cérebro.

O alarme é estridente e persistente. Ignoro-o. Alongo os músculos do pescoço e gemo baixinho. O relógio não para de apitar. Alguém bate com força, na parede perto da minha cabeça, e ouço a voz abafada do Adam a gritar para eu desligar o alarme.

— Todas as manhãs — grita. — Fazes isso todas as manhãs. Juro por Deus, Kenji, um dia destes vou entrar aí e destruir essa coisa.

— Está bem, — murmuro, mais para mim mesmo — Está bem. Acalma-te.

— *Desliga isso.*

Respiro fundo, entre pausas. Dou pancadinhas cegas no relógio até ele parar de berrar. Finalmente conseguimos os nossos próprios quartos na base, mas ainda não consigo encontrar paz. Ou privacidade. Estas paredes são finas como papel, e o Adam não mudou um bocadinho. Continua mal-humorado. Sem

sentido de humor. Geralmente irritado. Às vezes, não me consigo lembrar porque somos amigos.

Com algum esforço, obrigo-me a levantar, até ficar sentado. Esfrego os olhos, fazendo uma lista mental de todas as coisas que tenho para fazer hoje, e depois, de maneira horivelmente repentina...

Lembro-me do que aconteceu ontem.

Jesus.

Tanto drama num só dia que mal consigo pensar.

Aparentemente, a Juliette tem uma irmã há muito perdida. Aparentemente, o Warner torturou a irmã dela. O Warner e a Juliette acabaram. A Juliette fugiu a chorar. O Warner sofreu um ataque de pânico. A ex-namorada do Warner apareceu. A ex-namorada *bateu-lhe*. A Juliette embebedou-se. Não, esperem... a J embebedou-se e rapou a cabeça. Depois, vi a Juliette em roupa interior — uma imagem que ainda estou a tentar apagar da memória — e depois, como se não bastasse, depois do jantar de ontem à noite, fiz algo muito, muito estúpido.

Encosto a cabeça às mãos e, ao lembrar-me, detesto-me. Sinto uma nova onda de embaraço e volto a respirar fundo. Forço-me a olhar para cima. Para limpar a cabeça.

Nem tudo é horrível.

Agora tenho o meu próprio quarto — um quarto pequeno — mas que é o meu quarto, com uma janela com vista para unidades industriais AC. Tenho uma secretária. Uma cama. Um guarda-roupa básico. Ainda tenho de partilhar casa de banho com alguns dos outros rapazes, mas não posso queixar-me.

Um quarto privado é um luxo que já não tinha há algum tempo. É agradável ter um espaço onde posso entregar-me aos meus pensamentos no final da noite. Um sítio em que possa pendurar a cara feliz que me forço a usar, mesmo quando tenho um dia horrível.

Estou grato.

Estou exausto, sobrecarregado e stressado, mas grato.

Forço-me a mim próprio a dizê-lo, em voz alta. *Estou grato.* Reservo uns momentos para senti-lo. Reconheço-o. Forço-me a sorrir, a aliviar a tensão no meu rosto que, de outro modo, facilmente se transforma em raiva. Sussurro um breve agradecimento ao desconhecido, mando-o ao ar, aos fantasmas solitários que bisbilhotam as minhas conversas privadas sem ninguém. Tenho um teto sobre a cabeça, roupa no corpo e comida à minha espera todas as manhãs. Tenho amigos. Uma família improvisada. Estou solitário, mas não estou sozinho. O meu corpo funciona, o meu cérebro funciona, estou vivo. É uma boa vida. Preciso de fazer um esforço consciente para me lembrar disso. Para que escolha ser feliz todos os dias. Se não o fizesse, acho que a minha própria dor me teria matado há muito tempo.

Estou grato.

Alguém bate à porta — duas batidas fortes — e levanto-me de um salto, sobressaltado. A batida é excecionalmente formal; a maioria de nós nem se dá ao trabalho de ser educado.

Visto umas calças de fato de treino e abro a porta aos apalpões.

Warner.

Os meus olhos arregalam-se enquanto o olho de cima a baixo. Não penso que alguma vez tenha aparecido à minha porta, e não consigo decidir o que é mais estranho: o facto de ele estar aqui ou o facto de parecer tão normal. Bem, normal para o Warner. Parece-se exatamente como sempre. Brilhante. Polido. Estranhamente calmo e sereno para alguém cuja namorada o abandonou um dia antes. Nunca se diria que era o mesmo rapaz que, depois, encontrei caído no chão a ter um ataque de pânico.

— Hum, olá — disfarço o sono — O que se passa?

— Acabaste de acordar? — pergunta, olhando para mim como se fosse um inseto.

— São seis horas da manhã. Todos nesta ala acordam às seis horas da manhã. Não precisas de ficar tão desiludido.

O Warner espreita para trás de mim, para dentro do meu quarto e, por um instante, não diz nada. Depois, baixinho:

— Kishimoto, se eu considerasse os padrões medíocres dos outros uma métrica suficiente para medir as minhas próprias realizações, nunca teria chegado a lado nenhum — levanta os olhos e dirige-me o olhar. — Devias exigir mais de ti. És perfeitamente capaz.

— A sério? — pestanejo, atordoado. — Desculpa, essa é a tua ideia de elogio?

Ele olha para mim, com o rosto impaciente.

— Veste-te.

Levanto as sobancelhas.

— Vais levar-me a tomar o pequeno-almoço?

— Temos mais três convidados inesperados. Eles acabaram de chegar.

— *Oh* — dou um passo inconsciente para trás — *Oh*, raios.

— Sim.

— Mais filhos dos comandantes supremos?

O Warner acena.

— São perigosos? — pergunto.

O Warner quase sorri, mas parece insatisfeito.

— Estariam aqui se não fossem?

— Certo — suspiro. — Bem visto.

— Encontramo-nos lá em baixo em cinco minutos, e eu explico-te tudo.

— Cinco minutos? — arregalo os olhos. — Hum, hum, nem pensar. Preciso de tomar um duche. Nem sequer tomei o pequeno-almoço...

— Se tivesses acordado às três horas, tinhas tempo para isso e muito mais.

— Às três horas da manhã? — olho para ele, boquiaberto.

— Estás louco da cabeça?

Ele responde, sem um pinga de ironia:

— Não mais do que o habitual.

— É claro como água que este tipo não está bem.

Suspiro fundo e viro-me, odiando-me por reparar sempre neste tipo de coisas e odiando-me ainda mais pela minha constante necessidade de acompanhar. Não consigo evitá-lo. O Castle disse-me uma vez quando era pequeno: disse-me que eu era excepcionalmente compassivo. Nunca tinha pensado nisso dessa forma — com palavras, com uma explicação — até ele me ter dito. Sempre odiei isso em mim, que não conseguisse ser mais rijo. Odiava ter chorado tanto quando vi um pássaro morto pela primeira vez. Ou quando levava para casa todos os animais de rua que encontrava, até o Castle me dizer que tinha de parar, que não tínhamos recursos para ficar com todos. Eu tinha doze anos. Fez-me soltá-los, e chorei durante uma semana. Odiei ter chorado. Odiei que não o pudesse evitar. Toda a gente acha que não devia importar-me — que não devia — mas importo-me. Importo-me sempre.

E importo-me com este imbecil, também.

Por isso, respiro fundo e digo:

— Ei, meu — Estás bem?

— Estou bem.

A resposta dele é rápida. Fria.

Podia deixar-me ficar por aqui.

Ele está dar-me uma saída. Devia aceitá-la. Podia desistir e fingir que não noto tensão no seu maxilar ou na expressão vermelha e crua ao redor dos seus olhos. Tenho os meus próprios problemas, os meus próprios fardos, a minha própria dor e frustração e, além disso, nunca ninguém me pergunta como correu o dia. Nunca ninguém me acompanha, nunca ninguém se dá ao trabalho de espreitar por detrás da superfície do meu sorriso.

Então, porque me deveria importar?

Não devia.

Deixa estar, digo para mim mesmo.

Abro a boca para mudar de assunto. Abro a boca para seguir em frente e, em vez disso, ouço-me a mim próprio a dizer...

— Vá lá, meu. Ambos sabemos que isso é treta.

O Warner desvia o olhar. Um músculo contrai-se no seu maxilar.

— Tiveste um dia complicado ontem — digo. — É normal ter também uma manhã difícil.

Depois de uma longa pausa, ele responde:

— Já estou acordado há algum tempo.

Solto um suspiro. Não é nada que não estivesse à espera.

— Peço desculpa — respondo. — Eu entendo.

Ele olha para cima. Encontra o meu olhar.

— Entendes?

— Sim, entendo.

— Na verdade, acho que não entendes. Aliás, espero que não. Não queria que sentisses o que estou a sentir. Não te desejo isso.

Isso atinge-me com mais força do que esperava. Por um momento, não sei o que dizer.

Decido olhar para o chão.

— Já a viste? — pergunto.

Então, tão baixo que quase não escuto...

— Não.

Raios. Este miúdo está a partir-me o coração.

— Não sintas pena de mim — disse ele, com os olhos a brilhar de encontro aos meus.

— O quê? Eu não... Não sinto...

— Veste-te — disse o Warner, rígido. — Vejo-te lá em baixo. Pestanejo, assustado.

— Certo — respondi — Fixe. Okay.



E depois ele desaparece.



REVELA-ME

LIVRO 5.5

UM

Perdi o apetite.

Acho que nunca tinha perdido o apetite.

Mas estou a olhar para um pedaço de bolo delicioso e, por algum motivo, não consigo comê-lo.

Sinto-me enjoado.

Continuo a tocar no bolo com os dentes do garfo, cada vez com mais força, e agora está meio desfeito e a cobertura está marcada. Mutilada. Nunca tive a intenção de desfigurar um inocente pedaço de bolo; é absolutamente criminoso desperdiçar comida, especialmente bolo, mas há algo de reconfortante no movimento repetitivo e na resistência suave e delicada do bolo de baunilha.

Lentamente, arrasto a mão livre pelo rosto.

Já tive dias piores. Perdas maiores. Noites piores. Mas, de alguma forma, isto parece um novo tipo de inferno.

A tensão acumula-se nos meus ombros, acumulando-se e gerando uma dor surda e latejante que se espalha pelas minhas costas. Tento expirar, tento aliviar a tensão dos meus músculos, mas nada ajuda. Não sei há quanto tempo estou aqui sentado, curvado sobre uma fatia de bolo inacabada.

Horas, talvez.

Dou uma vista de olhos em redor do refeitório meio vazio. Sala? Tenda?

Definitivamente uma tenda.

Olho para cima, para as longas vigas de madeira caiada que suportam o teto. Talvez adjacentes à tenda. Há uma lona creme a cobrir tudo o que está no exterior, mas é óbvio, pelo interior, que se trata de uma construção sólida e independente. Não sei porque se importam com estas tendas. Espero que sirvam algum propósito prático, porque, caso contrário, parece disparatado. Tudo o resto é bastante simples. As mesas são montadas com tábuas de madeira inacabadas, suavizadas pelo tempo. As cadeiras são simples. Mais madeira. Muito básicas. Mas são agradáveis; tudo é bonito. Este lugar parece mais novo, mais limpo e mais luminoso do que qualquer coisa que tivemos no Ponto Ómega. É como um acampamento chique.

O Santuário.

Espeto o bolo, de novo. Já é tarde, já passa da meia noite, e os meus motivos para estar aqui são cada vez mais ténues a cada minuto que passa. Quase toda a gente está a ir embora, cadeiras a arrastar, pés a arrastarem-se, portas a abrir e a fechar. O Warner e a Juliette (Ella? Ainda parece estranho) estão aqui algures, mas é provavelmente porque ela está a tentar forçá-lo a comer o seu próprio bolo de aniversário. Ou talvez esteja a comê-lo voluntariamente. Tanto faz. Quando tenho muita pena de mim, odeio-o mais do que o normal.

Fecho os olhos com força. Estou tão cansado.

Sei que devia ir embora, dormir um pouco, mas não consigo obrigar-me a abandonar o brilho quente deste quarto pela solidão fria da minha tenda. Está tão claro aqui. É óbvio que a Nouria, a filha do Castle e a chefe desta resistência, é realmente apaixonada pela luz. É a sua especialidade. O seu superpoder. Mas também está em todo o lado. Luzes de corda penduradas no teto.

Lanternas a decorar as paredes e portas. Há uma enorme lareira de pedra encostada a uma das paredes, mas está cheia de luz quente, não de fogo. É aconchegante.

Além disso, aqui cheira a bolo.

Durante anos, tudo o que fiz foi queixar-me de ter de partilhar a minha privacidade com as pessoas, mas agora que tenho o meu próprio lugar, uma casa independente só para mim, já não quero isso. Tenho saudades das zonas comuns do Ponto Ómega e do Setor 45. Gostava de ver os meus amigos quando abria a porta. Gostava de ouvir as suas vozes idiotas e desconsideradas quando tentava adormecer.

Então.

Ainda estou aqui.

Ainda não estou preparado para estar sozinho.

Em vez disso, fiquei sentado a noite toda a observar as pessoas a separarem-se e a desaparecerem. A Lily e o Ian. O Brendan e o Winston. A Sonya e a Sara. A Nouria e a sua mulher, Sam. O Castle logo atrás.

Todos a sorrir.

Parecem esperançosos. Aliviados. A celebrar a sobrevivência e os raros momentos de beleza no derramamento de sangue. Eu, por outro lado, quero gritar.

Largo o garfo e aperto as palmas das mãos contra os olhos. A minha frustração tem vindo a crescer há horas e finalmente está a chegar ao auge. Sinto-a, sinto-a a fechar as mãos à volta do pescoço.

Raiva.

Porque é que sou o único com medo agora? Porque é que sou o único com este nervosismo no estômago? Porque é que sou o único que faz a mesma pergunta vezes sem conta:

Onde raio estão o Adam e o James?

Quando finalmente chegámos ao Santuário, fomos recebidos com fanfarra, alegria e entusiasmo. Todos agiam como se fosse

uma grande reunião familiar, como se houvesse esperança para o futuro, como se todos fôssemos ficar bem...

Ninguém parecia importar-se que o Adam e o James estivessem desaparecidos.

Eu era o único a contar cabeças. Eu era o único a olhar à volta do espaço, à procura nos olhos de desconhecidos, a espreitar os cantos e a fazer perguntas. Eu era o único, aparentemente, que não achava aceitável perder dois dos meus colegas de equipa.

— Ele não queria vir, pá. Já sabes disso.

Isto.

Essa foi a explicação idiota que o Ian me tentou dar mais cedo.

— O Kent disse que já não ia embora — disse o Ian. — Ele disse-nos literalmente para fazermos os nossos planos sem ele, e tu estavas sentado mesmo ali quando ele disse isso.

O Ian semicerrou os olhos para mim.

— Não mintas a ti próprio sobre isso. O Adam queria ficar com o James e tentar obter imunidade. Ouviste. Deixa isso.

Mas não conseguia.

Eu insistia que a situação parecia errada. Da forma como tudo aconteceu, parecia errado. *Algo não está bem*, dizia eu, e o Castle continuava a dizer-me, gentilmente, como se estivesse a falar com um louco, que o Adam é o guardião do James, que não é da minha conta, que por muito que eu ame o James, não posso escolher o que lhe acontece.

O que ninguém parece lembrar é que o Adam teve aquela ideia idiota de ficar para trás e pedir imunidade *antes* mesmo de sabermos que o Anderson ainda estava vivo. *Antes* de ouvirmos o Delalieu dizer que o Anderson tinha planos secretos para o Adam e o James.

Isto foi *antes* de o Anderson aparecer e assassinar o Delalieu e todos nós sermos internados num asilo.

Algo está errado.

Não acredito nem por um segundo que o Adam tivesse querido ficar no Setor 45, e arriscar a vida do James, se soubesse que o Anderson estaria lá. O Adam pode ser um idiota às vezes, mas passou a vida inteira a tentar proteger aquele miúdo de dez anos do pai deles. Preferia morrer a colocar o James perto do Anderson, especialmente depois de saber dos planos nebulosos do Anderson para eles. O Adam não faria isso, não arriscaria. Eu sei disso. Sei-o no fundo da minha *alma*.

Mas ninguém queria ouvir isso.

— Vá lá, pá — disse o Winston, suavemente. — O James não é da tua responsabilidade. Aconteça o que lhe acontecer, não é culpa tua. Temos de seguir em frente.

Era como se estivesse a falar uma língua estrangeira. A gritar com uma parede. Todos achavam que eu estava a exagerar. A ser demasiado emocional. Ninguém queria ouvir os meus medos.

Por fim, o Castle deixou de responder às minhas perguntas. Em vez disso, começou a suspirar muito, como quando eu tinha doze anos e ele apanhou-me a tentar esconder cães no meu quarto. Lançou-me um olhar pouco antes de sair esta noite, um olhar que dizia claramente que tinha pena de mim, e não sei o que raio devo fazer com isso.

Até o Brendan, o gentil e compassivo Brendan, abanou a cabeça e disse:

— O Adam tomou a sua decisão. Foi difícil para todos nós perdê-los, Kenji, mas tens de esquecer isso.

Nem pensar.

Eu não esqueci isso.

Não vou esquecer isso.

Olho para cima, concentrando-me nos restos do enorme bolo de aniversário do Warner. Está desprotegido, sobre uma mesa no centro da sala, e sou tomado por uma súbita vontade de esmagá-lo com o punho. Os meus dedos voltam a fletir em torno

do garfo, um impulso inconsciente que não me dou ao trabalho de examinar.

Não estou zangado de estarmos a celebrar o aniversário do Warner. Sinceramente, não estou. É fixe, eu percebo, o rapaz nunca celebrou um aniversário antes. Mas agora, simplesmente, não estou com disposição para celebrar. Agora queria esmurrar aquela porcaria daquele bolo e atirá-lo contra a parede. Eu queria apanhá-lo e atirá-lo contra a parede e então eu...

Um calor elétrico percorre a minha espinha e enrijeço, mesmo observando, como se estivesse a quilómetros de distância, uma mão a fechar-se no meu punho. Sinto-a a puxar, tentando arrancar-me o garfo da mão. E depois ouço-a rir.

De repente, sinto-me mais enjoado.

— Estás bem? — pergunta ela. — Estavas a segurar esta coisa como uma arma.

Ela parece estar a sorrir, mas não saberia dizer. Continuo a olhar para o ar, a minha visão a estreitar-se para o vazio. A Nazeera conseguiu tirar o garfo da minha mão e agora estou aqui sentado, com os dedos congelados e abertos, ainda a tentar alcançar algo.

Sinto-a a sentar-se ao meu lado.

Mesmo daqui, consigo sentir o seu calor, a sua presença. Fecho os olhos. Não falámos verdadeiramente, ela e eu. Pelo menos, não sobre nós. Não sobre quão forte o meu coração bate quando ela está por perto e, definitivamente, não sobre como ela inspirou todos os devaneios inapropriados que infestam a minha mente. Aliás, desde essa breve cena no meu quarto, não falámos de nada que não fosse estritamente profissional, e não sei porque razão o faríamos. Não faz sentido.

Beijá-la foi estúpido.

Eu sou um idiota, a Nazeera é provavelmente louca, e o que quer que tenha acontecido entre nós foi um erro enorme. Ela continua a mexer com a minha cabeça, a confundir as minhas

emoções, e eu continuo a tentar lembrar-me, continuo a tentar convencer-me a compreender a lógica, mas, por alguma razão, o meu corpo não apanha. Da forma como a minha biologia reage à mera *presença* dela, pensaria que eu estava a ter um AVC.

Ou um aneurisma.

— Ei — a sua voz está séria e o sorriso desapareceu. — O que se passa?

Eu abano a cabeça.

— Não abanes a cabeça para mim — ela riu-se. — Assassinate o teu bolo, Kenji. Algo está obviamente errado.

Com isto, viro-me um pouco. Observo-a com o canto do olho.

Em resposta, ela revira os olhos.

— Oh, por favor — diz ela, espetando o meu garfo, *o meu garfo*, no bolo desfeito. — Toda a gente sabe que adoras comida. Estás sempre a comer. Raramente paras de comer o tempo suficiente para falar.

Eu pestanejo.

Ela raspa um pouco da cobertura do prato e segura o garfo, como se fosse um chupa-chupa, antes de o colocar na boca. E só depois de ela lamber tudo é que eu digo:

— Esse garfo esteve na minha boca.

Ela hesita. Olha fixamente para o bolo.

— Pensei que não ias comer isso.

— Não vou comer *mais* — digo. — Mas dei umas dentadas.

E há algo na forma como ela se endireita, algo na forma mortificada como diz:

— Claro que sim — baixa o garfo.

Isso alivia-me o aperto na espinha. A sua reação é tão infantil, como se ainda não nos tivéssemos beijado, como se ainda não soubéssemos o que é sentir o sabor das mesmas coisas ao mesmo tempo, que não consigo evitar. Começo a rir.

Um momento depois, ela também se está a rir.

E, de repente, sinto-me quase humano novamente.

Suspiro, perdendo um pouco da tensão nos ombros. Apoio os cotovelos na mesa de madeira e deito a cabeça nas mãos.

— Ei — diz ela, baixinho. — Podes dizer-me, sabias?

A voz dela é próxima. Calorosa. Respiro fundo.

— Dizer-te o quê?

— Dizer-me o que está errado.

Rio-me outra vez, mas desta vez soa amargo. A Nazeera é a última pessoa com quem quero falar. Deve ser algum tipo de piada cruel dizer que, de todas as pessoas que conheço, é ela que finje importar-se.

Suspiro enquanto me sento, franzindo o sobrolho ao longe.

Em menos de um segundo, avisto a Juliette do outro lado da sala, longos cabelos castanhos e um sorriso elétrico. Neste momento, a minha melhor amiga só tem olhos para o namorado, e estou irritado e resignado com o facto. Não posso culpá-la por reivindicar um pouco de alegria esta noite; sei que ela passou por um inferno.

Mas agora também preciso dela.

Foi uma noite difícil, e eu queria falar com ela mais cedo, perguntar-lhe o que acha da situação do Adam e do James, mas eu mal tinha chegado a meio da sala quando o Castle me puxou para trás. Fez-me prometer que a deixaria em paz esta noite. Disse que era importante que a J tivesse tempo a sós com o Warner. Queria que tivessem alguns momentos de paz, uma noite sem interrupções para recuperarem de tudo o que tinham passado. Revirei os olhos com tanta força que quase me caíram da cabeça.

Nunca ninguém *me* dá uma noite inteira para recuperar de todas as chatices que passei. Ninguém se preocupa verdadeiramente com o meu estado emocional; mais ninguém além da J, para ser sincero.

Continuo a olhá-la, os meus olhos a queimarem-lhe as costas. Quero que ela olhe para mim. Sei que se ela me pudesse



só ver, saberia que algo está errado e viria até aqui. Eu sei que ela viria. Mas a verdade é que não é só o Castle a impedir-me de lhe estragar a noite; depois de tudo o que passaram, ela e o Warner merecem mesmo um verdadeiro reencontro. Também acho que se tentasse afastá-la do Warner naquele momento, ele tentaria matar-me a sério.

Mas às vezes pergunto-me...

E eu?

Porque é que os meus sentimentos não importam? Outras pessoas conseguem experienciar uma gama completa de emoções sem julgamento, mas eu não consigo ser nada além de feliz sem deixar a maioria das pessoas desconfortável. Toda a gente está habituada a ver-me sorrir, a ser um palerma. Eu sou o tipo divertido, o tipo tranquilo. Sou aquele com quem todos podem contar para uma boa gargalhada. Quando estou triste ou chateado, ninguém sabe o que fazer. Tentei falar com o Castle ou o Winston, até mesmo com o Ian, mas nunca ninguém se ligou a mim da forma que a J faz. O Castle esforça-se sempre ao máximo, mas não aprova lamentações. Dá-me trinta segundos para reclamar antes de oferecer-me um discurso motivacional, dizendo-me para ser forte. O Ian, por outro lado, fica desconfortável quando lhe conto demasiado. Ele tenta ser compreensivo, mas depois corre na primeira oportunidade que tem. O Winston escuta. É um bom ouvinte, pelo menos. Mas depois, em vez de responder ao que acabei de dizer, começa a falar sobre todas as coisas com que está a lidar, e mesmo que eu compreenda que ele precise de desabafar, no final sinto-me dez vezes pior.

Mas com a Juliette...

Ela?

Com ela, é diferente. Nunca percebi o quanto estava a perder até que realmente nos ficámos a conhecer. Ela deixa-me falar. Ela não me apressa. Não me diz para acalmar, nem me diz clichês,

nem me diz que tudo vai correr bem. Quando estou a tentar desabafar, ela não faz com que a conversa gire em torno dela ou dos seus próprios problemas. Ela compreende. Eu percebo. Ela não precisa de dizer uma palavra. Consigo olhar nos olhos dela e saber que ela compreende. Ela preocupa-se comigo de uma forma como mais ninguém se preocupou. É a mesma coisa que a torna uma grande líder: preocupa-se genuinamente com as pessoas. Preocupa-se com a vida delas.

— Kenji?

A Nazeera volta a tocar-me na mão, mas desta vez afasto-me, sacudindo-me desajeitadamente no assento. E quando finalmente olho para cima, para os seus olhos, fico surpreendido.

Parece genuinamente preocupada.



— Kenji — repete ela. — Estás a assustar-me.



**MERGULHA MAIS A FUNDO
NO MUNDO DE *SHATTER ME*
COM ESTAS QUATRO NOVELAS
QUE REVELAM AS PERSPETIVAS
APAIXONANTES DE WARNER,
ADAM E KENJI.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 seekthebutterfly.pt
 secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-589-477-2



9 789895 894772

